

# INTRODUZINDO EINSTEIN E VILANOVA ARTIGAS NA ARQUITETURA BRASILEIRA

MARLENE YURGEL



Neste ano domini de 2005, comemoram-se 100 anos da publicação do artigo de Albert Einstein na revista alemã *Annalen der Physik*, “Sobre a eletrodinâmica dos corpos em movimento” que ele denominou Princípio da Relatividade, e “A inércia de um corpo depende de sua energia?”.

Max Planck, ao discutir em público as questões do primeiro artigo, denominou-a de Teoria da Relatividade, e foi assim que permaneceu o princípio.

Essa teoria muda as idéias anteriores sobre a noção de tempo e espaço, comprovada experimentalmente em 1915 por Robert Milikan, quando pretendia provar que Einstein estava enganado e tentava desacreditar a idéia que a luz é formada por partículas, em artigo publicado nesse mesmo ano de 1905: “O quantum e o efeito fotoelétrico”. Em resumo, a luz arranca elétrons dos átomos, e foi, principalmente, pelas conseqüências do efeito fotoelétrico descrito que Einstein é indicado ao Prêmio Nobel em 1921.

Dez anos depois da teoria revolucionária ser apresentada, às vésperas da Primeira Guerra Mundial, João Batista, batizado assim por ter nascido em 24 de junho, filho de Artigas e neto de Vilanova, começava a respirar o ar do Paraná, e lá permaneceria até seus 18 anos. Ingressou na Escola Politécnica em Curitiba; mudou-se, porém, para São Paulo, para a cidade grande, a fim de mudar de ares e estudar na Escola Politécnica da USP. Faremos em sua homenagem, no ano em que faria 90 anos, um cumprimento especial à arquitetura que inventou e legou-nos, fazendo o mundo do espaço construído ficar melhor, cheio

de poesia e significado generoso de seu desejo de um mundo mais profícuo.

Em outro artigo de 1915 Einstein amplia a Teoria da Relatividade, e logo uma noção é repetida de costa a costa, de Norte a Sul: **Tudo é Relativo**. A introdução dessas noções no ensino escolar não é imediata; sua disseminação, no entanto, faz-se com grande velocidade – comparada à da luz, como metáfora – pelos meios de comunicações “daqueles tempos modernos”, entre os intelectuais. Na década de 30 essas noções são incorporadas ao raciocínio dos artistas; entre eles, Calder e Mondrian têm um interesse especial para os arquitetos.

Vilanova Artigas termina o curso da Politécnica em 1938, e volta como professor assistente em 1940. Sua tarefa consistia em ensinar projeto de arquitetura, foi professor toda sua vida, incluindo-se os que nunca foram seus alunos diretos.

Na condição de aluno da Poli, seus colegas informam que se destacou sempre por sua inteligência e criatividade. Seu próprio testemunho informa que tudo que fazia era diferente dos demais, incluindo nessa lista seus professores. A busca pela distinção não foi, em si, um objetivo, mas o resultado das indagações de encontrar uma lógica própria para o resultado dos trabalhos os quais desenhava. Essa busca incessante sempre foi a de dar um sentido ao resultado do espaço construído, suas propostas eram ousadas no âmbito do cálculo da construção, persistente no eterno aprendizado das possibilidades que a engenharia oferecia e procurando uma maneira de superar os limites conhecidos, utilizando novas soluções para

alcançar as formas que tinham um significado fundamental em sua maneira de pensar e desenhar.

Estudante diligente, pôs-se a aprender alemão em São Paulo por encontrar os livros escolares neste idioma, e muita literatura especializada sempre passou por suas mãos. A educação no Paraná, nas escolas públicas e em casa, conferiu-lhe um molde dicotômico pela religiosidade dos Vilanovas, e pelo cientificismo reinante do exame do raciocínio sobre o mundo, solidificado pelas novas ciências.

Há um significado importante em 1945, trágico e devastador, com a bomba atômica lançada em Hiroshima e Nagasaki, construída com a possibilidade de calcular a liberação da energia necessária em escala nunca experimentada antes, certamente a fórmula mais conhecida formulada por Einstein –  $E=mc^2$  –, a qual foi decisiva para o aparato, destino repudiado nas intenções do cientista. Na outra ponta do mundo Vilanova Artigas se filia ao Partido Comunista pela convicção da construção de um mundo distinto, na expectativa da mudança das forças que constroem impérios econômicos e fazem a gerência e distribuição dos recursos obtidos pelo trabalho dos homens.

Fim da Segunda Guerra Mundial. Mais uma vez o mundo fica dividido entre as novas forças que cercam os territórios de submissão ou adoção. Divisão entre comunistas e capitalistas, sumariamente descrita entre a dicotomia de imperialismo americano e império soviético. A crença de novos horizontes para a grande mudança não foi intempestiva, levado pela

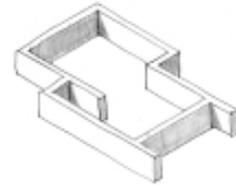
convicção de leituras e convívio com intelectuais do partido, passou a dividir seu tempo entre seu escritório, aulas e tarefas que a luta ideológica lhe consignava como prática da militância.

Nesse intervalo de tempo em seu escritório com Marone e em seu próprio, desenhou cerca de 60 residências entre 90 projetos. Exame mais acurado desses projetos mostra que a preocupação com o sistema de construção e a indagação da organização dos espaços, o faz desenhar partidos arquitetônicos originais para o programa das residências.

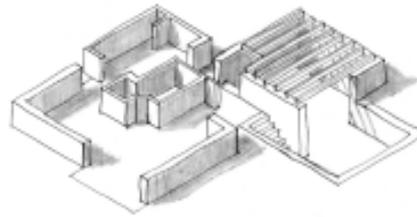
Trabalhou com o arquiteto Gregori Warchavchik, mesmo tendo seu escritório em sociedade com o engenheiro Marone, uma construtora que lhe permitia projetos. Não foi lá para aprender arquitetura, de acordo com sua própria avaliação. Aceitou o convite de Warchavchik para entrar em um universo mais amplo de trabalho. Recordo parte do anedotário em seus relatos sobre essa convivência, lembrando, com certo carinho, certa tarde em que foi ao cinema com Warchavchik para assistir ao *"E o vento levou..."*. Quando ao término do filme perguntou o que procuravam ali, obtive como resposta que precisavam ver a casa, encomenda de uma cliente pretendente a uma semelhante a de Scarlet O'Hara na Guerra da Secessão americana. Não sei se foi desenhada ou construída, mas é interessante notar que algum tempo depois, ao rever o filme, deparei-me em observar o cenário e, em particular, os degraus da escada com um plano pouco inclinado nos espelhos. Os desenhos no escritório eram feitos de acordo com uma inclinação que viabilizavam o melhor piso de acordo com o passo salvo melhor juízo, isto pode ter uma relação ao menos jocosa, se não for verdadeira. E seguramente não tem importância.

Certamente São Paulo permitiu ao jovem estudante e logo arquiteto o convívio com o grupo Santa Helena, modernistas das classes trabalhadoras e de origem italiana em sua maioria, sem o convívio das elites cafejeiras da Semana de 22 que acabaram por comemorar o feito tomando champanhe em navio rumo a Paris, Warchavchik foi uma pequena mostra dessa faceta de maior poder aquisitivo de ideologia distinta, a qual Artigas acabou por abraçar.

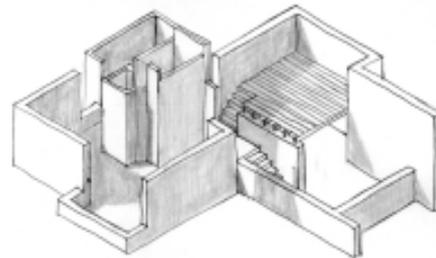
Sua primeira residência, a casinha, construída em 1941, é um primor de solução na qual se pode examinar o espaço determinado dos padrões tradicionais das residências, e a inteligência no agenciamento dos materiais e formas construtivas na elegância das formas, assinalando aí sua marca definitiva.



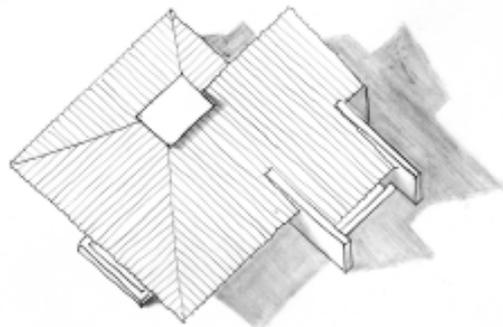
A construção foi iniciada com a abertura no terreno do espaço da fase, do escritório e dormitório, de maneira a não serem utilizados andaimes, com a alvenaria de 1,2 m de altura



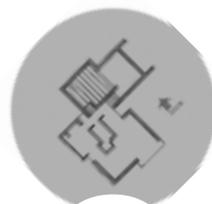
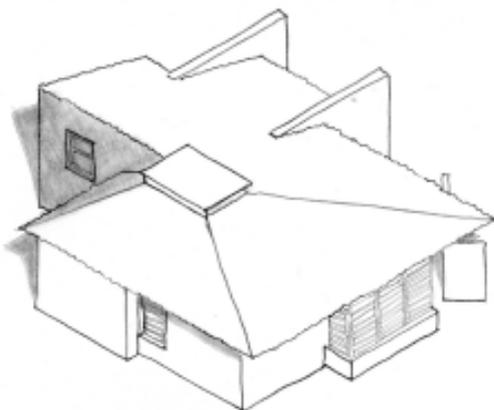
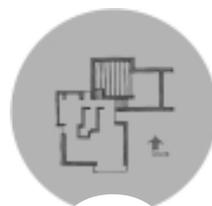
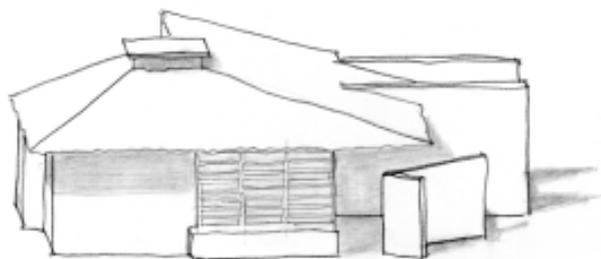
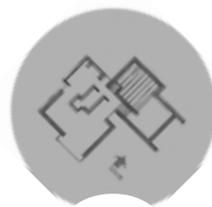
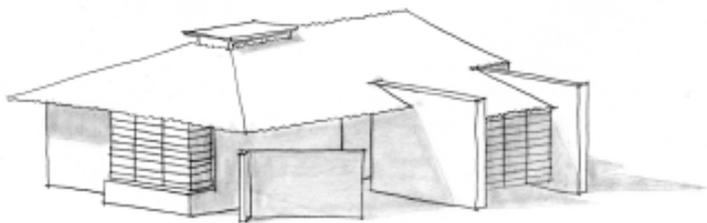
A segunda etapa foi constituída das alvenarias formando a sala, cozinha e banheiro, e seqüência da anterior, também não foi necessário até essa fase do uso de andaimes



A continuação se deu até o levantamento de todas as alvenarias, com as tubulações de energia, água e esgoto colocadas dentro da alvenaria sem revestimento



A etapa seguinte foi a construção do telhado, com espaços originais da cobertura de telha de barro





Ateliê e dormitório da casinha  
Acervo da Fundação Vilanova Artigas



Sala de jantar da casinha  
Acervo da Fundação Vilanova Artigas

A influência de Frank Lloyd Wright foi estabelecida por suas leituras quando ainda estudava na Politécnica, interesse nas leituras desenvolvido desde cedo e estudioso dedicado às novas manifestações da arquitetura, encontrou eco na maneira de acomodar os materiais na forma mais natural, quase os acariciando nessa casinha.

Para Vilanova Artigas os anos que antecedem à ditadura militar foram profícuos. Realizou cerca de 180 projetos entre 1946 e 1961, quando foi escolhido para fazer o projeto da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de nossa universidade. Entre 1946 e 1947 passou o tempo nos EUA, visitando o país com uma bolsa da Fundação Gulbenkian, e examinando, entre outras atividades, as escolas de arquitetura. As tradições das construções da costa oeste americana impressionaram-no, porém não a ponto de fazê-lo continuar a busca da identidade brasileira para sua arquitetura. Os usos mais freqüentes de concreto armado estavam se expandindo com a fabricação do cimento e do aço. Conhecia cálculo de concreto, de maneira a entender perfeitamente seus limites e como avançar na direção de ultrapassá-los em sua eterna busca do impossível.

O que une esses dois homens?

As novas geometrias do universo.

O prédio da Faculdade de Arquitetura é o resultado dessas novas idéias. Aparentemente pousado sobre o terreno, prestes a levantar vôo e alcançar o espaço sideral, vencendo a gravidade que o prende. As colunas que são o apoio dos andares superiores brotam da terra e elevam-se para o apoio, em uma afirmação que isto agora é

possível, a ciência permite ao homem novas realizações. Novas formas que representam seu tempo novo, a modernidade. Dentro, esse espaço é fluído, inusitado e grandioso, como uma catedral, ou o “Templo do Saber”, como Vilanova Artigas se referia ao prédio.

O espaço foi desenhado, inventando um novo programa para o ensino que previu novas áreas de atividades e conhecimento para o arquiteto, e pretendia que esse programa fosse destinado ao espaço de fazer-se, em uma *“especialização da democracia, em espaços dignos, sem portas de entrada”*<sup>1</sup>.

O que une esses dois homens?

A eterna luta pela paz e a compreensão do universo visto por cada um deles.

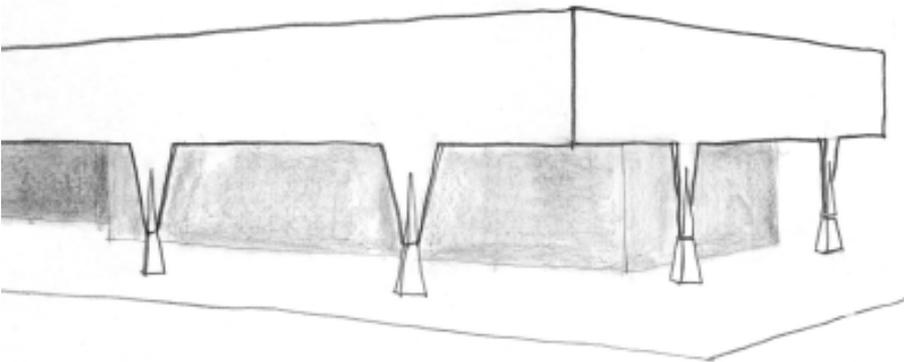
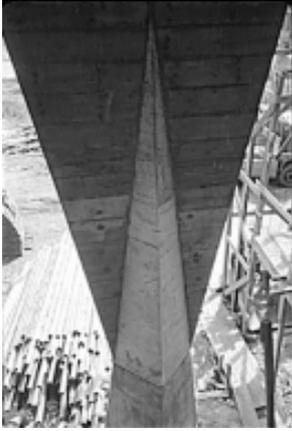
Quando Einstein explica, em um de seus trabalhos, porque o céu é azul, viria a ser acrescida da fascinante frase de Yuri Gagarin, que a Terra é azul. A cor dos arquitetos sobre o céu em seus edifícios.

O fato unificador entre esses homens é o espaço. Einstein pensava no espaço cósmico inventando, por intermédio de sua imaginação, as razões de suas configurações. Vilanova Artigas pensava no espaço a ser construído e inventava uma arquitetura com significados modificadores da existência no planeta.

O que une esses dois homens é o domínio que tinham sobre a imaginação do espaço.

#### Nota

(1) De Vilanova Artigas, em depoimento no livro sobre sua obra editado em 1997. São Paulo, Instituto Lina Bo e P. M. Bardi.



Créditos:  
Desenhos da casinha e fotos da FAUUSP – Marlene Yurgel

---

**Marlene Yurgel**

Professora titular do Departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto, professora orientadora nos cursos de graduação e pós-graduação e coordenadora do Laboratório de Informatização de Acervo – LabArq da FAUUSP.